**CONTRIBUIÇÃO DO LÚDICO COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA PARA O DESENVOLVIMENTO CONGNITIVO DOS EDUCANDOS**

DEBORA CÁTIA SANTOS FARIAS CARDIM

**RESUMO**

O presente estudo teve como objetivo analisar os argumentos existentes na literatura que destacam a relevância das brincadeiras nas práticas pedagógicas para o desenvolvimento dos alunos na Educação Infantil. Para concretização deste objetivo e para promover ao leitor a reflexão sobre este tema, esta pesquisa aborda sobre: a contextualização da Educação Infantil nos aspectos legais; apresenta as concepções dos teóricos sobre a relevância do brincar para Educação Infantil; discorre sobre as contribuições do brincar para o desenvolvimento cognitivo, motor e as interações entre as crianças na Educação Infantil, apontando as concepções do currículo para a Educação Infantil e situa o brincar. Dessa forma, entende-se que no brincar as crianças se defrontam com inúmeras experiências, as quais influenciam na sua formação, assim como nessa prática elas exploram, vivenciam e buscam significados do mundo, (re) produz cultura, interagem, expressam diversos sentimentos e moções. Enfim, neste artigo, será apresentado inúmeros argumentos que comprovam a relevância do brincar para o desenvolvimento, aprendizado e conhecimentos nas crianças. E por promover tais contribuições é preciso inserir na Educação Infantil, principalmente nas práticas pedagógicas. No presente estudo utilizou-se como metodologia a pesquisa bibliográfica através da análise dos autores referenciados, dessa forma, entende-se que “é indispensável, que o planejamento, e as rotinas sejam realizadas com clareza, para algo definido, e não como ações formalizadas, sem finalidade e sem a compreensão humana do que se faz” (GANDIN, 1886).

**PALAVRAS-CHAVE:** Brincar. Educação Infantil. Criança. Desenvolvimento. Práticas pedagógicas.

**ABSTRACT**

This study aimed to analyze the arguments in the literature that highlight the relevance of play in pedagogical practices for the development of students in early childhood education. To achieve this goal and to promote the reader reflection on this theme, this research addresses: the contextualization of early childhood education in the legal aspects; presents the theorists' conceptions about the relevance of playing for early childhood education; discusses the contributions of play to cognitive, motor development and interactions among children in early childhood education, pointing out the conceptions of the curriculum for early childhood education and places play. Thus, it is understood that in playing children are faced with numerous experiences, which influence their formation, just as in this practice they explore, experience and seek meanings of the world, (re) produces culture, interact, express various feelings and motions. Finally, in this article, will be presented numerous arguments that prove the relevance of play for development, learning and knowledge in children. And to promote such contributions it is necessary to insert in early childhood education, especially in pedagogical practices. In the present study we used as methodology the bibliographic research through the analysis of the referenced authors, thus, it is understood that “it is indispensable that the planning, and the routines are clearly performed, for something defined, and not as formalized actions. without purpose and without human understanding of what is done ”(GANDIN, 1886).

**KEYWORDS:** Play. Child education. Kid. Development. Pedagogical practices.

**1 INTRODUÇÃO**

O presente estudo tem como objetivo geral analisar os argumentos existentes na literatura que destacam a relevância do lúdico como ferramenta pedagógica nas práticas pedagógicas para o desenvolvimento cognitivo dos educandos, intrínseco a este objetivo haverá outros específicos para a obtenção de resultados ao que se quer alcançar, estes são: Investigar as concepções de teóricos sobre a relevância do lúdico e para as práticas pedagógicas; compreender a importância das brincadeiras para o desenvolvimento cognitivo, emocional, motor e na interação do educandos e verificar o papel do brincar no currículo escolar.

Geralmente, no território brasileiro, as brincadeiras remetem a uma atividade da infância. No entanto, não é uma prática exclusiva dessa fase, pois se analisarmos a sociedade em geral, todos brincam, porém com uma conotação diferente. Infelizmente, a brincadeira em todas as etapas da vida é considerada fútil, recreativa e improdutível, sendo aceita e tolerável com mais frequência na infância.

O tema da presente pesquisa justifica-se no interesse em entender que o brincar se manifesta mais nessa fase e que através dela as crianças exploram inúmeras experiências que as ajuda a compreender a dinâmica social e cultural da sociedade de forma criadora, imaginativa, criativa e (re) produtiva, ou seja, na sua própria ótica de desenvolvimento cognitivo e psicomotor. Esses simples motivos já justificariam encontrá-la com mais frequência na Educação Infantil, mas não é isso que encontramos no contexto da educação formal. Geralmente, há uma enfatização da antecipação da escolarização dos anos subsequentes em detrimento do brincar e de outros fatores que influenciam no desenvolvimento, aprendizado e conhecimento das crianças.

Pensando nesse contexto, subentende-se que estaríamos equivocados sobre o significado que as brincadeiras trazem para a constituição dos processos de aprendizagem e desenvolvimento das crianças, já que algumas escolas não reconhecem a importância do brincar na infância.

No intuito de compreender essa temática, estabeleceu-se como problema de pesquisa a seguinte questão: quais as concepções dos teóricos sobre as brincadeiras nas práticas pedagógicas da Educação Infantil nos aspectos da interação, cognitivo, emocional e motor?

As concepções dos teóricos sobre o lúdico como ferramenta pedagógica remete a preocupação em elementos que possam ajudar na construção da identidade, autonomia, nas relações e iterações entre o meio e os indivíduos, no movimento, dessa forma, inserir as brincadeiras com um dos eixos da educação das crianças, pensado na promoção e estímulo dos aspectos sociais, cognitivo, motor, afetivo e interacional, são práticas que precisam ser reconhecidas e aderidas às escolas. Porém, não é simplesmente saber sobre sua relevância, mas sim compreendê-las.

Nesse sentido, serão pontuadas algumas questões referentes ao brincar no âmbito do currículo, das práticas pedagógicas, dos documentos oficiais e para o desenvolvimento e aprendizado das crianças.

No que tange a metodologia, o presente estudo se concentrará no referencial teórico, por meio da pesquisa de revisão bibliográfica, mediante artigos de periódicos ou digitais, escritos por especialistas. Além de livros e a pesquisa documental. Assim, a primeira e primordial intenção é realizar um estudo referente as concepções dos teóricos sobre as brincadeiras nas práticas pedagógicas da Educação Infantil nos aspectos da interação, cognitivo, emocional e motor.

A pesquisa bibliográfica, com caráter qualitativo tem o objetivo de procurar as propostas de vários autores para o tema em análise. Sobre isso Lakatos (2010, p. 187) afirma que: “A pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que foi dito ou analisado sobre um determinado assunto, contudo propicia a análise de uma abordagem com um novo enfoque ou temática, chegando a conclusões inovadoras”.

**2 CONCEITOS E IMPORTÂNCIA DO L NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

As instituições escolares em que há Educação Infantil, visando atender as novas concepções para esta modalidade, devem rever as suas propostas pedagógicas para implementação de diversos elementos que colaborem para o aprendizado e desenvolvimento das crianças, dentre estes elementos está o brincar. Grandes quantidades de referenciais teóricos colaboram para a desconstrução da concepção do brincar nas instituições que ofertam a Educação Infantil.

Nestes ambientes, percebe-se o brincar de forma “didatizada”, limitando e excluindo as crianças ao seu autoprocesso de criação e construção do conhecimento, ou seja, compreendem o brincar como um recurso didático para a transmissão de conteúdos e visões de mundo do professor, bem como limitam esta prática ao momento de recreação e retribuição pelo bom comportamento e pela execução de atividades exigidas pelo professor (BETTELHEIM, 2008).

Com base em estágios realizados em algumas instituições de Educação Infantil para o curso de Pedagogia ficou perceptível que em alguns destes ambientes há a preocupação exagerada pela antecipação da escolarização, enfatizando apenas dois tipos de linguagens: a escrita e a leitura com foco na reprodução e transmissão de conteúdos, ocasionando na redução do brincar nesta etapa.

Este tipo de posição priva a criança de um ambiente que favoreça a sua aprendizagem e o seu desenvolvimento. Tais posturas é fruto de um conjunto macro de problemas institucionais e profissionais, descasos do estado, avanço das tecnologias, exigências de algumas entidades governamentais e não governamentais que pressionam para uma escolarização precoce, dentre outros, contribuindo assim para que o brincar fique em segundo plano na vida das crianças.

Nesta perspectiva, o que interessa é a formação conteudista e a preparação para a vida profissional. Na atualidade, as relações culturais e entre sujeitos são consideradas influentes no processo de ensino, aprendizagem e desenvolvimento dos indivíduos. Sendo o brincar uma das formas de se relacionar com mundo, este é carregado de significância e conceitos gerados historicamente e culturalmente.

Segundo Brougére (2008), o brincar é um dos espaços para a manifestação cultural. Esta forma de expressão da cultura, na perspectiva da criança, vai se dá através da visão de mundo delas, ou seja, de como elas se apropriam e interpretam o contexto social que as circundam. Abordar sobre o brincar sem ser uma característica inata das crianças e sim como um fenômeno cultural é necessário de forma suscita percorrer sobre as bases teóricas da sociologia da infância.

O brincar é de fundamental importância para a aprendizagem da criança por que é através dela que a criança aprende, gradualmente desenvolve conceitos de relacionamento casuais ou sociais, o poder de descriminar, de fazer julgamentos, de analisar e sintetizar, de imaginar e formular e inventar ou recriar suas próprias brincadeiras (SANTIN, 2001, p.523).

Entende-se que, o ato de brincar não é simplesmente “o brincar por brincar”, mas sim o que o mesmo representa para quem realiza as brincadeiras. Para Kichimoto (2009), o brincar está em uma dimensão contempladas no desenvolvimento da aprendizagem, compreendendo tanto crianças como adultos, representando para os envolvidos a necessidade de conhecer, desenvolver e de se descontrair, em um contexto real e/ou simbólico repleto de momentos admiráveis que só ocorre por meio do brincar.

Registra-se a preocupação das propostas pedagógicas para as Instituições de Educação Infantil, em oferecerem suas práticas à integração entre os aspectos afetivos, cognitivos/ linguísticos e sociais dos alunos, apreendendo que o mesmo é um ser total e completo. Deste modo, brincar, apresenta-se, a partir do cuidado, responsabilizar e agir, sendo estes partes do todo de cada sujeito e gradativamente vão se aprimorando com os processos no contato consigo próprio e outras pessoas, recursos e com o ambiente de um modo geral.

Estudos recentes no âmbito da sociologia da infância consideram que as crianças recriam, reinterpretam e reproduz de forma criativa a cultura, são seres capazes de intervir e modificá-la. Ao contrário da ideia tradicional de socialização que consideram que elas são apenas reprodutoras e reproduzem cultura. Para tanto, William Corsaro (2009) propõe a noção de “reprodução interpretativa” contrariando a ideia tradicional de socialização, a qual compreende que as crianças se adaptam e internalizam a cultura dos adultos.

Para este autor, o termo reprodução denota a influência da sociedade na cultura infantil, entretanto as crianças não se limitam em internalizá-las e, sim contribuem de forma ativa na produção e modificação dessa cultura e o termo interpretativo Esta cultura de pares é compreendida como um conjunto de atividades e de elementos de interesse da criança que são produzidas e compartilhadas, estabelecidas a partir da interação com os seus pares.

Para Brougére (2008), a brincadeira permite a apropriação dos códigos culturais pela criança. Então, com o ato do brincar os pequenos aprendem sobre sua cultura, a questiona, resignifica e a reproduz. O autor enfatiza o processo de relações interindividuais para a produção e reprodução de cultura e define que a brincadeira parte de uma realidade, a qual caracterizou como primeiro grau, em seguida as crianças dão outro significado a esta realidade, denominada como segundo grau.

A brincadeira, segundo Kishimoto (2010), é o resultado de ações conduzidas por regras que tenham características lúdicas, bem como “é a ação que a criança desempenha ao concretizar as regras do jogo, ao mergulhar na ação lúdica” (KISHIMOTO, 2006, p. 24). A este ponto, é necessário atentar que algumas brincadeiras partem da espontaneidade da criança que não possuem normas preestabelecidas, mas que no decorrer desta atividade ela se desenvolve.

Ao permitir a manifestação do imaginário infantil, por meio de objetivos simbólicos dispostos intencionalmente, a função pedagógica subsidia o desenvolvimento integral da criança. Neste sentido, qualquer jogo empregado na escola, desde que respeite a natureza do ato lúdico, apresenta caráter educativo e pode receber também a denominação geral de jogo educativo (KISHIMOTO, 2006, p. 90).

Conforme o entendimento de Kichimoto apreende-se que nas brincadeiras as crianças são condutores da sua própria ação e estão constantemente tomando decisões, o que colabora com o desenvolvimento de seu autocontrole. No brincar as crianças podem refletir e experimentar coisas novas da sua realidade assumem diversos papeis sociais, fazem a representação simbólica, enfim são inúmeras as contribuições desta prática às crianças, que mais adiante poderão ser verificadas neste trabalho.

Como afirma Kishimoto (2010, p. 37),

O jogo é um instrumento pedagógico muito significativo. No contexto cultural e biológico é uma atividade livre, alegre que engloba uma significação. É de grande valor social, oferecendo inúmeras possibilidades educacionais, pois favorece o desenvolvimento corporal, estimula a vida psíquica e a inteligência, contribui para a adaptação ao grupo, preparando a criança para viver em sociedade, participando e questionando os pressupostos das relações sociais tais como estão postos.

Para a não organização das brincadeiras, ou seja, para programas pedagógicos inalteráveis que não se alertem para a demanda e as necessidades das crianças e para intervenções constantes dos docentes que não permitam espontaneidade e manifestação das crianças no brincar.

Desde bebê, a brincadeira está presente na vida dos indivíduos. Por exemplo, quando as mães colocam em cima do berço os móbiles, ela estará dando a possibilidade de desencadear uma brincadeira. Os pequenos ao tocarem este objeto e percebe que ocorrem reações diversas (movimentos, emissão de som e luzes, dentre outros), a tendência é querer explorar ainda mais este objeto desconhecido e é nessas ações que ocorre a brincadeira.

O brincar, independente da sua faixa etária (bebê ou criança) não tem hora, local e nem pré-requisitos para ser manifestado. Com o brincar as crianças sentem donas do seu próprio desenvolvimento (BETTELHEIM, 2008).

Alguns teóricos eleitos nessa pesquisa, afirmam que são nestas interações que diferentes crianças entram em contanto e lidam com diferentes pontos de vista, resolvem possíveis conflitos e aprendem a respeitar as opiniões. Como afirma Vigotsky (1989), é nas relações com os outros que os indivíduos se constituem, assim as brincadeiras possui espaço privilegiado na formação das crianças.

Nas brincadeiras, a esfera imaginativa também é explorada. As crianças ao brincar constroem situações imaginárias que permitem representar um contexto e/ou objeto sem especificamente está nele ou está com ele. Por exemplo, quando uma criança utiliza várias panelas para representar uma bateria. Nessas situações, as crianças também assumem papeis sociais, em que atuam e imitam comportamentos sociais.

É neste cenário que brincar fornece àquele que brinca elementos para imitação, transformação e interpretação da realidade e o reconhecimento do outro, afirma da tese de Piaget ao definir a fase pré-operatória das crianças. Vigotsky (1989) infere que através da imaginação utilizada no brincar, as crianças materializam o anseio de realizarem atividades do mundo dos adultos, que em função da sua pouca idade, talvez fosse impossível de executá-la, assim as crianças têm a possibilidade de representar o mundo real.

No brincar há também a criatividade, pois nas brincadeiras as crianças utilizam as suas habilidades e tem a oportunidade de serem criativas. Quando se expressam simbolizam, recriam, experimentam a realidade, interpretam pensamentos e emoções, estimulam as relações afetivas e a comunicação, desenvolvem as capacidades artísticas, concentração e a coordenação motora.

De acordo com Kishimoto (2009, p. 20):

[...] admite-se que o brinquedo represente certas realidades. Uma representação é algo presente no lugar de algo. Representar é corresponder a alguma coisa e permitir sua evocação, mesmo em sua ausência. O brinquedo coloca a criança na presença de reproduções: tudo o que existe no cotidiano, a natureza e as construções humanas. Pode-se dizer que é um dos objetivos do brinquedo é dar a criança um substituto dos objetos reais, para que possa manipulá-los.

A partir disso, é possível entender a importância do brincar e as escolhas a serem implementadas diante do mesmo, já que este não é somente um componente de entretenimento, mas sim um instrumento lúdico que pode e deve ser efetivamente explorado de distintas formas, sendo um recurso significativo e representativo para o crescimento e vivências experienciadas pelas crianças.

As crianças constantemente são criadoras e recriadoras, e utilizam desse processo criativo para representar a realidade e a entendê-la. Nesse sentido, criatividade, realidade e simbolismos estão presentes no brincar. Assim como estes elementos são vivenciados nas brincadeiras, há também a dramatização de papeis que agregam eles.

Segundo Corsaro (2011), neste tipo de brincadeira as crianças desenvolvem o aspecto social e emocional. Ele afirma que não ocorre apenas a imitação das crianças pelos modelos de adultos, mas elas os reelaboram e enriquecem conforme as suas necessidades e interesses. Este jogo de papeis permite que as crianças reflitam e aprendam nas suas dramatizações, conheçam as inúmeras personalidades e comportamentos das pessoas e as suas relações, superem o egocentrismo para pensar no lugar do outro, contribui para o autocontrole das suas emoções e ações, assim como:

A apropriação e o enriquecimento de modelos adultos pelas crianças se referem primariamente a status, poder e controle. Ao assumir papéis adultos, as crianças adquirem poder (são “empoderadas”). Elas utilizam a licença dramática da brincadeira imaginativa para projetar o futuro – a época em que terão poder e controle sobre si mesmas e sobre os outros. (CORSARO, 2011, p. 34).

A perpetuação e a ciência da cultura de um povo podem ser presenciadas nas brincadeiras tradicionais, a qual são passadas de gerações a gerações através da oralidade, “assume particularidades, transmissão oral, conservação, alteração e universalidade” (KISHIMOTO, 2010 p.38). Exemplos dessas brincadeiras são: amarelinha; boca de forno, cirandas, escravos de Jô, gato e rato, etc. Estas brincadeiras cultivam a manutenção da cultura popular, desenvolvem modos de convívio social e as situações imaginárias.

No entendimento de Tânia Fortuna (2007), há outros fatores que sempre estão presentes e são inevitáveis nas brincadeiras e no cotidiano da interação entres as crianças são os conflitos. Muitas vezes eles são vistos de forma negativa pela maioria dos indivíduos e profissionais da área de educação. Entretanto, os conflitos podem trazer benefícios para as crianças se estes forem bem administrados pelos professores. Os conflitos podem ser inter e intraindividuais (com base na teoria de Piaget), respectivamente dentro e entre indivíduos. Permitem o descentramento, o desenvolvimento moral, oral e intelectual, estimula a criação de estratégias de negociação pela criança e a autonomia.

Antes do desenvolvimento da linguagem oral, as crianças se expressam/falam com o corpo e o brincar é uma das formas dessas manifestações. Entende-se, portanto, que é brincando que há a expressividade motora, na qual percebe-se pensamentos externalizados, emoções e sentimentos, além do desenvolvimento da motricidade, do conhecimento e controle do seu corpo. Por exemplo, quando a criança brinca de corrida, ela está explorando o seu corpo tomando ciência das suas potencialidades e possibilidades, aprimorando a coordenação motora, a noção de lateralidade, ritmos, equilíbrio e espacialidade.

Conforme os Referenciais Curriculares Nacionais da Educação infantil o brincar é uma atividade bastante significativa para o desenvolvimento dos educandos, devido ao desenvolvimento de vivencias e experiências a partir das brincadeiras com modalidades distintas conforme a faixa etária, através da brincadeira as crianças aprendem a dominar e entender os acontecimentos difíceis ou inexplicáveis de imediato e aos poucos vai dominando o mundo que a cerca, assim como no ato de brincar, as crianças controlam os rumos da sua própria ação.

Conforme Bettelheim (1988), frequentemente vemos as crianças colocando objetos dentro de um caminhão ou numa caixa e logo em seguida as despejam, realizando este ato por inúmeras vezes elas tentam entender a defecação. Com esta mesma brincadeira as crianças podem tentar entender outras situações vividas no seu cotidiano. Isso se justifica porque dada a complexidade da realidade utilizam da fantasia para compreendê-la. Dessa forma, ao mesmo tempo em que há a compreensão e o “controle” da realidade, elas se “empoderam” em ocasiões que são negadas este controle.

Como menciona Bettelheim (2008, p.173):

Através da brincadeira, que não necessita se conformar com a realidade em todos os detalhes, uma experiência complexa poder ser partida em seguimentos manipuláveis, cada um dos quais pode ser revivido, e, portanto, compreendido e dominado, sem ansiedade indevidas. Desse modo, um pedaço de cada vez, a criança tem condições de assimilar um evento com o qual não se pode atracar imediatamente. Se a experiência foi ruim, pode ser neutralizada através da brincadeira; se foi uma em que a criança se sentiu desagradavelmente dominada, pode ser transformada numa experiência em que ela esteja no controle.

 Nesse sentido, as crianças se deparam com uma avalanche de emoções e sentimentos. São dores, culpas, prazeres, tristezas, medo, amor, alegria, ciúmes, dentre outros que são necessários gerenciá-los para conviver e adaptar-se no ambiente social. Dando um passo de cada vez para compreender as reações tão confusas e complexas do mundo exterior que as crianças vão constituindo e desenvolvendo o seu aspecto afetivo.

Tudo que foi exposto acima evidencia que a infância é a etapa fundamental na formação dos indivíduos e que nessa fase é necessário construir uma base que nela esteja agregada conhecimentos relevantes ao aspecto social, cognitivo, cultural, emocional, etc. para que se reverta em contribuições nas fases posteriores. Quanto mais nos esforçamos por estabelecer uma grande separação entre a forma a que chamamos “jogo” e outras formas aparentemente relacionadas a ela, mais se evidencia a absoluta independência do conceito de jogo (HUIZINGA, 2010, p. 7).

Compreende-se que as crianças aprendem ao brincar e, consequentemente se desenvolve. Independente da complexidade ou da simplicidade das brincadeiras não diminui a sua significativa contribuição para o desenvolvimento das crianças. É no ato do brincar que as crianças se constituem como sujeitos e são indispensáveis para a produção da cultura infantil, pois é através do brincar que elas se expressam. Portanto, o brincar deve receber as devidas importâncias e ser estudado a fim de que ganhem espaço nas escolas no intuito de promover o desenvolvimento global das crianças.

**3 O PAPEL DO PEOFESSOR NO DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES LÚDICAS**

Atualmente, os educadores costumam afirmar que o ato de brincar é importante para a educação, porquanto todos reconhecem efetivamente mesmo aqueles que comumente não trabalham com crianças, de que o “brincar” é parte complementar do dia-a-dia das mesmas.

Conforme Negrine (2002, p. 23):

Na Educação Infantil, os professores que são preparados para atuar neste âmbito precisam realizar tarefas e funções múltiplas. Em outras palavras, cabe a eles proporcionar experiências variadas às crianças: informativas, recreativas, motoras, musicais, plásticas, etc. A lógica é formar um professor unidocente que dê conta de tudo e de todos.

Deste modo, o pedagogo pode desenvolver nas crianças as habilidades cognitivas e motoras, além das demais práticas pedagógicas que habitualmente são desenvolvidas. As crianças necessitam pular, correr, subir, saltar, descer, rolar, sentir o toque e ser tocada. E, sobretudo, reconhecer o próprio corpo e as possibilidades de experiências que o mesmo oferece. “Ao movimentarem-se as crianças expressam sentimentos, emoções e pensamentos, ampliando as possibilidades do uso significado de gestos e posturas corporais” (BRASIL, 1998, p. 15).

A distinção entre os educadores é que para alguns o ato de brincar fica muito bem quando o “momento sério” acaba o que quer dizer: vamos começar a estudar e realizar as tarefas e quando tudo estiver finalizado, vocês estarão poderão para brincar. Para outros educadores as brincadeiras devem estar mescladas dentro do processo de ensino e aprendizagem, isso quer dizer que as brincadeiras é parte integrante de toda ação educadora no âmbito da Educação Infantil..

O profissional comprometido que atua na Educação Infantil busca antes de qualquer coisa, conhecer profundamente quem é a criança do seu convívio, quais as experiências que a mesma traz, o contexto onde está inserida e acima de tudo repensar a partir da sua formação e do seu conhecimento em relação à aprendizagem na infância. Muito do que se pretende fazer deve estar relacionado às suas próprias vivencias que certamente refletirá no seu desempenho em sala de aula.

A utilização das brincadeiras na educação na educação infantil prevê especialmente o uso de metodologias adequadas e apreciáveis às crianças que façam com que o aprendizado ocorra dentro da “sua realidade”, das coisas que lhes são naturais e importantes de se fazer, que comecem a respeitar as características próprias, seus interesse e esquemas de entendimento próprio.

 Segundo Huizinga,

Jogo “é uma atividade ou ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e espaço, segundo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias, dotado de um fim em si mesmo, acompanhado de um sentimento de tensão e alegria e de uma consciência de ser diferente da vida cotidiana” (HUIZINGA, 2010, p. 33).

Assim sendo, quando falamos do ato de brincar não estamos discorrendo em algo frívolo e superficial, mas de uma prática que a criança faz de modo autônomo e espontâneo, sem o domínio do adulto. Entende-se que empregar metodologia lúdica, do tipo de brincadeiras e manifestações artísticas, motive e atraia a criança a participar ativamente. Esta participação espontânea faz com que a mesma se torne uma “pesquisadora” consciente do objeto de ensino, objeto que os educadores colocam ao seu alcance. Desta forma, segundo o Referencial curricular nacional para a educação infantil “(…) a organização dos conteúdos para o trabalho com movimento deverá respeitar as diferentes capacidades das crianças em cada faixa etária, bem como as diversas culturas corporais presentes nas muitas regiões do país” (BRASIL, 1998, p. 28).

Desta forma, ao refletir sobre o papel do pedagogo no desenvolvimento das brincadeiras deve-se apreender conforme os conteúdos previstos nos Parâmetros Curriculares Nacionais, principalmente no tocante aos Temas Transversais, para Educação Infantil. Estes parâmetros direcionam o seu foco para a cidadania e a formação do sujeito de forma plena e humanizada, ou seja, o aluno não deve apenas absorver conteúdos, mas precisa desenvolver atitudes, habilidade e formas de expressão e de relacionamento.

Huizinga destaca certas características essenciais das brincadeiras, tais como: “Uma atividade livre, conscientemente tomada como ‘não séria’ e exterior à vida habitual, mas ao mesmo tempo capaz de absorver o jogador de maneira intensa e total. É uma atividade desligada de todo e qualquer interesse material, com a qual não se pode obter qualquer lucro, praticada dentro de limites espaciais e temporais próprios, segundo certa ordem e certas regras” (HUIZINGA, 2007, p. 16).

As brincadeiras, em geral, podem ser os principais veículos para atender as propostas previstas PCNs e LDB, isto porque as distintas combinações que uma brincadeira pode encerrar a utilização de elementos desafiadores e externos, as interações entre as crianças em diferentes momentos em equipes promovem a abordagem em diversas abordagens, de forma interdisciplinar e, especialmente, com maior adesão e participação de todos os educandos.

3.1 O USO DO LÚDICO COMO INSTRUMENTO MOTIVADOR DA APRENDIZAGEM

O modo como se ensina leva a várias implicações e não significa que advenha a aprendizagem. Nos dias atuais, observa-se que ensinar não é sinônimo meramente de transmitir conteúdos, e aprender não é somente aceitar o que se expõe. Para Rogers (1997), aprender é estabelecer significados, e ensinar é possibilita essa construção. O papel do educador passa a ser o de instituidor de condições favoráveis à aprendizagem, o educando deve buscar estabelecer relações com os conteúdos dando-lhes significado e não somente as memorizando. Assim, apreende-se que, aprendizagem deve ser então um processo promotor do efetivo desenvolvimento dos educandos, devendo promover a melhoria de suas relações com o conhecimento, consigo mesmo e com os outros; devendo, contudo torná-lo criativo, crítico e autônomo.

Autonomia constitui atuar através de leis próprias, na educação tem o desígnio de não contestar sobre o que não acreditam. Como as escolas ainda educam de forma tradicional, a heteronomia dos educandos passa a ser mais trabalhada do que a própria autonomia. Isto porquanto, os educadores mantêm os alunos nas regras, por meio de sanções, como os prêmios, notas, estrelinhas etc (GANDIN, 2006).

Por aprendizagem significativa entendo uma aprendizagem que é mais do que uma acumulação de fatos. É uma aprendizagem que provoca uma modificação, quer seja no comportamento do indivíduo, na orientação futura que escolhe ou nas suas atitudes e personalidade. É uma aprendizagem penetrante, que não se limita a um aumento de conhecimentos, mas que penetra profundamente em todas as parcelas de sua existência (ROGERS, 1997, p. 322).

Atualmente, o que mais se busca é unir as atividade lúdicas com a devida aprendizagem procurando inovações pedagógicas que induzam a mudança de postura do aluno na sala de aula. As brincadeiras, dentro dessa inovação, permite uma relação mais afetiva entre os professores, alunos e conhecimento, podendo incidir em uma aprendizagem de conteúdos mais significativa e não memorativa.

No âmbito da educação infantil, os momentos de criatividade são muito valorizados e por isso as brincadeiras são muito utilizadas. Diante das inovações, a qual o professor deve possibilitar através das atividades implementadas no planejamento, a autonomia do aluno, as brincadeiras educativas, didáticas ou pedagógicas poderiam ser um relevante recurso de ensino e aprendizagem. De acordo com Kishimoto (2010, p. 20), “o brinquedo coloca a criança na presença de reproduções: tudo o que existe no cotidiano, a natureza e as construções humanas. Pode-se dizer que é um dos objetivos do brinquedo é dar a criança um substituto dos objetos reais, para que possa manipulá-los”

A aplicação de brincadeiras pedagógicas está condicionada a quatro elementos: a capacidade de estabelecer em um fator de motivação, situações ambientais e embasamentos teóricos e condições psicológicas adequadas. A ausência de interação entre os educandos faz com que os mesmos não sejam bons no que faz fora da aula e não consigam relacionar esse conhecimento com o aprendido. Heywood (2004, p. 12) afirma que, “a infância deve ser compreendida como uma construção social, (...) as crianças devem ser consideradas como partes ativas na determinação de suas vidas e das vidas daqueles que estão ao seu redor”.

Diante disso, ressalte-se que, para a elaboração de um planejamento adequado é imprescindível conhecer a turma e cada aluno de modo singular, tendo objetivos claros que se pretendem alcançar, preocupando-se, sobretudo, com o desenvolvimento de cada educando, não esquecendo que “é indispensável, para que se fale em planejamento, que as rotinas sejam realizadas com clareza, para algo definido, e não como ações formalizadas, sem finalidade e sem a compreensão humana do que se faz” (GANDIN, 1886, p. 52).

O educador não pode impor a sua metodologia de ensino a algum material porque o considera fascinante ou lúdico. É imprescindível um cuidado da parte do professor, porque, antes de trabalhar com brincadeiras em sala de aula, é indispensável testá-los, analisando cuidadosamente e refletindo sobre os possíveis desacertos; deste modo, terá condições de perceber e compreender as dificuldades que os alunos poderão enfrentar. Além disso, deve-se ter um especial cuidado no momento de escolher as brincadeiras, que devem ser desafiadores e motivadoras para aprendizagem. O conteúdo deve estar conforme com o grau de aprendizado e desenvolvimento do aluno. Assim, as brincadeiras não devem ser fácil demais e nem tão difícil, para que as crianças não se sintam desestimuladas.

Todavia, na brincadeira, os objetos perdem sua força determinadora sobre o comportamento da criança, que começa a poder agir independentemente daquilo que ela vê, pois a ação, numa situação imaginária, ensina a criança a dirigir seu comportamento não somente pela percepção imediata dos objetos ou pela situação que a afeta de imediato, mas também pelo significado dessa situação. (VYGOTSKY, 1984, p. 110).

Além de proporcionar prazer e entretenimento, as brincadeiras representar um desafio deve proporcionar o despertar do pensamento reflexivo do aluno. Tânia Fortuna (2007) é importante ressaltar que os benefícios que as brincadeiras fornece à aprendizagem das crianças no refere-se ao desenvolvimento físico–motor abrangendo as especificidades das atitudes, habilidades e sentimentos que envolvem as crianças e os desígnios empregados.

Embora haja tantas teorias que defendam uma aprendizagem significativa através das brincadeiras, as mesmas estão longe de desfrutar de uma pedagogia baseada na criatividade e na expressividade livre dos atos. Para que isso aconteça de forma proveitosa torna-se indispensável aprimorar as práticas pedagógicas em sala de aula, sendo que a utilização das brincadeiras de forma inadequada a é o principal ponto negativo desta ferramenta, por isso, é imprescindível salientar que o sucesso pedagógico vai depender da postura do pedagogo durante as atividades didático–pedagógicas, promovendo uma prática baseada na criatividade, na ludicidade, na interação envolvendo todo o âmbito escolar.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao longo deste trabalho defendeu-se o brincar na infância e a sua inclusão nas práticas pedagógicas. Ao trazer alguns autores que também defendem a importância do brincar, pretendeu-se enfatizar o quanto às brincadeiras são relevantes para o desenvolvimento e aprendizado das crianças. No decorrer dos estudos e da concretização desta pesquisa houve a compreensão dos objetivos propostos nesse trabalho, bem como de algumas reflexões e inquietações.

Conforme os objetivos e problemas norteados neste estudo, menciona-se que os argumentos existentes na literatura que destacam a relevância das brincadeiras nas práticas pedagógicas para o desenvolvimento dos alunos na Educação Infantil, assim apreendeu-se que de um modo peculiar, as crianças vão se articulando, organizando e interagindo com o intuito de responderem a toda complexidade da sociedade existente no seu mundo interior e, assim vão configurando, criando e produzindo a sua cultura.

Desse modo, é salutar que o brincar se perdure e consolide na infância visando o desenvolvimento, aprendizado, conhecimento, interação e a produção cultural. Assim como foi evidenciado a relevância do brincar nas práticas pedagógicas e para o desenvolvimento das crianças na pré-escola, surgiram também algumas inquietações. Embora tenhamos grande quantidade de produção teórica sobre o impacto positivo que o brincar proporciona na Educação Infantil, no que refere-se ao desenvolvimento e aprendizado.

Após refletir alguns teóricos, entende-se que é preciso dar vozes as crianças, a respeitá-las e as compreendê-las para que possamos corroborar ao seu mundo (singularidades e peculiaridades), na sua educação e no seu desenvolvimento. Para que seja percebido e entendido este ser em construção, o brincar com toda certeza é um ótimo aliado, pois podemos conhecer de que maneira as crianças pensam e agem saber e entender as suas experiências e como compreende o mundo.

Com os estudos sobre o brincar, entende-se também, que é neste mundo que envolve fantasias, realidade e faz de conta que conseguimos enxergar as nossas crianças e a compreendê-las. Para tanto, é necessário um olhar que ultrapasse as ideologias já construídas nos adultos para que permitam ver a “essência” das crianças.

Os educadores precisam considerar que as crianças não chegam neutras nas escolas, elas vêm carregadas de experiências, comportamentos, conceitos, enfim com diversas características determinadas pelo lar familiar ou social que influenciam os ambientes escolares. O professor tem que ter o papel de mediador, a qual deverá dar subsídios necessários que os estimulem no seu autoprocesso de aprendizagem e de desenvolvimento. Essa postura do adulto também colabora na maneira que é pensado o brincar na Educação Infantil.

Nas leituras houve a compreensão das contribuições que o brincar promove nas crianças, no que tange a inúmeros aspectos, mencionados durante esta pesquisa. É evidente que eles através das brincadeiras vão entendendo e conquistando a realidade.

Estes referenciais teóricos não estão sendo refletidos em alguns ambientes da Educação Infantil. Afinal, os estudos não tomaram proporções significativas a ponto de modificarem a concepção do brincar nessas instituições, ou seja, em muitas delas a brincadeira é ainda concebida como o momento de recreação, atividade não produtiva e/ou está atrelada a auxiliar na reprodução de algum conteúdo programático.

Por isso, esta instituição deve compreender o brincar como fomentador para o desenvolvimento e aprendizado da criança. Nesse sentido, é válido ampliar os conhecimentos sobre o mundo infantil para que possamos introduzir o brincar no cotidiano das crianças, no contexto familiar e institucional. Concluímos é válido os professores, no exercício da sua função, constantemente terem uma postura reflexiva e crítica da prática e teoria, analisando esses dois polos e propondo soluções e inovações para a educação das crianças.

**REFERÊNCIAS**

BETTELHEIM, Bruno. Brincadeira como solução de problemas. In: \_\_\_\_\_\_**Uma vida para seu filho:** pais bons o bastante. Rio de Janeiro: Editora campus, 2008. Cap 16, p.167 – 178.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**, de 17 de dezembro de 2009.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_**Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil**. Brasília: MEC / SEF, 1998.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_**Práticas Cotidianas na Educação Infantil – Bases para Reflexão sobre as Orientações Curriculares.** Projeto de Cooperação Técnica MEC / Universidade Federal do Rio Grande do Sul para Construção de Orientações Curriculares para a Educação Infantil. Brasília, MEC/Secretaria de Educação Básica/ UFRGS, 2009.

\_\_\_\_\_\_\_\_ **Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de educação fundamental. Referencial curricular nacional para a educação infantil***.* Brasília: MEC\SEF, 1998.

BROUGÉRE, Gillés. **Brinquedo e cultura**. Revisão técnica e versão brasileira adaptada por Gisela Wajskop. 7ºed. São Paulo: Cortez, 2008.

CAMARGO, Fátima. **Criança e educação: uma trajetória cultural e institucional**. São Paulo: n. 39, p. 12-14 abr. 2005.

CORSARO, William A. Reprodução interpretativa. In: MÜLLER, Fernanda; Teoria e prática na pesquisa com crianças : diálogos com William Corsaro. São Paulo: Cortez, 2009.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. **Teorias sociais da infância**. In: \_\_\_\_\_**Sociologia da infância**. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2011. Cap. 1, p.17 – 40.

FORTUNA, Tânia Ramos. **Brincar é aprender: a brincadeira e a escola**. Marista Sul: revista da Província Marista do Rio Grande do Sul**.** Porto Alegre, ano 7, número 31, maio/ago. 2007.

GANDIN, Danilo. **Planejamento como prática educa**tiva. 3. ed.-São Paulo: Loyola

1986.

GOLDSCHMIED, E.; JACKSON, S. **Educação de 0 a 3 anos. O atendimento em creche.** 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

HEYWOOD, Colin. Uma história da infância: da Idade Média á época contemporânea no Ocidente. Porto Alegre: Artmed, 2004.

HUIZINGA, Johan. Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura. Tradução: João Paulo Monteiro. 6ª ed. - São Paulo, Perspectiva, 2010.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida (org). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 9º Ed. São Paulo: Cortez, 2010.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogos Infantis: O jogo, a criança e a educação**. 15ª. ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 2009.

NEGRINE, Airton. **O corpo na educação infantil**. Caxias do Sul: EDUCS, 2002.

ROGERS, C. R. **Tornar-se Pessoa**. 5.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

SANTIN, S. **Educação Física: temas pedagógicos**. 2. ed. Porto Alegre: EST Edições. 2001.

VYGOTSKY, L.S.  **Interação entre aprendizado e desenvolvimento**. In: **A** **Formação Social da Mente.** 6ª ed. São Paulo. Martins Fontes Editora LTDA, 1989. Cap. 6, p. 103 – 119.